

Ensino das Principais Doenças que se apresentam de forma diferente em Mulheres e Homens nas Faculdades de Medicina do Brasil

1 Histórico da Medicina de Gênero

Os séculos têm produzido profundas e importantes mudanças nos achados científicos, descobertas e insights que não só mudaram nossa qualidade de vida, como também expandiram nosso entendimento sobre a natureza do Universo e das leis que o governam.

Darwin falou sobre o processo de evolução, 1859, explicando como nos tornamos humanos. O Projeto Manhattan, em 1940, produz uma nova energia poderosa, que pode ser usada em boas conquistas ou em enorme destruição. No século 20 a contribuição espetacular foi o início e o anúncio de que poderíamos decifrar a estrutura do Genoma Humano: Craig Venter explica que se podemos mapear um cromossoma, também podemos criar um. George Church propõe um projeto de Mapeamento de Genoma Humano (que poderia ser realidade em 2020). A Biologia neste novo século é fundamentalmente diferente da Biologia que era sabida anteriormente.

O início da ciência sobre Medicina de Gênero, o detalhado estudo da Fisiologia feminina e masculina, a observação da mesma doença se manifestar de forma diferente nos diferentes gêneros, motivaram estudos, nas últimas 3 décadas, que evidenciaram que mulheres e homens são significativamente diferentes em todos tecidos que compõem seus organismos. As observações e descobertas da Medicina, ao longo do século, mostraram que algumas doenças ocorriam mais em um sexo do que no outro, desencadeando uma profunda exploração e determinação porque essas diferenças existiam.

Por influência do NIH – Instituto Nacional da Saúde dos Estados Unidos, que criou o ORWH – Departamento de Pesquisa da Saúde da Mulher, os estudos sobre Medicina de Gênero foram intensificados mostrando a importância da inclusão de mulheres, em número representativo, nos protocolos de pesquisas e estudos clínicos, laboratoriais e comportamentais.

Fatores que influenciaram o pensamento global, nas questões de Gênero em saúde, foram os acordos alcançados na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo, Egito, em 1994, seguidos de perto por aqueles da Quarta Conferência Mundial sobre Mulheres em Pequim, China, em 1995. Ambas Conferências identificaram desigualdades baseadas em gênero como determinantes da saúde e estimularam o estudo dessas desigualdades.

2 OMS – Organização Mundial de Saúde -

Integrando Gênero no Currículo para Profissionais de Saúde

Em 2002, a Organização Mundial da Saúde adotou uma política (de gênero) comprometendo-se a promover a igualdade de gênero e a equidade na saúde com o objetivo de corrigir as desigualdades que são consequência dos papéis de gênero e de relações desiguais na sociedade. Isso deve ser feito através da análise sistemática e abordando as questões de gênero no "planejamento, implementação, monitoramento e avaliação de políticas, programas, projetos e pesquisas de saúde". A chave para alcançar esse objetivo é fazer com que as considerações de gênero sejam parte integrante dos currículos de treinamento pré-atendimento dos médicos

Em vista da importância em integrar as considerações de gênero nos currículos de faculdades de medicina, para garantir que estes sejam abordados nas políticas e programas de saúde, o Departamento de Gênero, Mulheres e Saúde da Organização Mundial da Saúde convocou uma consulta sobre esse assunto.

Resumiu-se as principais conclusões de uma revisão da literatura publicada em inglês sobre os esforços para integrar as considerações de gênero nos currículos de faculdades de medicina. A maioria dos estudos publicados encontrados eram dos EUA e outros eram da Austrália, Canadá e países europeus.

Algumas lições que podem ser aprendidas com a revisão:

- Iniciar o processo de integração de gênero com a graduação de medicina

Muito trabalho já foi feito no currículo médico de graduação, e pode ser uma boa idéia consolidar essas experiências e expandir o trabalho para outros países. A educação médica de graduação parece um ponto estratégico no qual o processo de integração do gênero deve ser iniciado.

As iniciativas relativas à educação médica de graduação e pós-graduação podem ser classificadas em três grupos principais:

- desenvolvimento e implementação de cursos;
- desenvolvimento curricular;
- defesa para mudanças políticas relacionadas à integração do gênero nos currículos da graduação médica.

As tentativas de integrar as considerações de gênero no currículo médico são mais recentes. Por exemplo na Universidade de Monash, a Austrália integrou o tema em todos os cinco anos de seu novo currículo baseado em problemas e centrado no paciente.

O projeto de gênero e currículo colaborativo de saúde no Canadá desenvolveu módulos baseados na web como recursos para professores do curso que desejam integrar o gênero em seu ensino e estes também podem ser usados por estudantes interessados. outros esforços para integrar o gênero se concentraram na criação de um ambiente propício e na capacitação de educadores médicos.

Desenvolvimento de competências no ensino de medicina de gênero nos USA

Saúde das mulheres como uma especialidade desenvolvida pela primeira vez nos Estados Unidos foi durante a década de 1990. A abordagem da saúde das mulheres centra-se nas necessidades de saúde de diversos grupos de mulheres ao longo de suas vidas e é dada a devida atenção às formas em que as doenças se apresentam de forma diferente em mulheres e homens e as desigualdades que afetam as mulheres.

O aluno que é competente em medicina de gênero, irá demonstrar a capacidade de:

1. Explicar diferenças sexuais e de gênero no desenvolvimento normal e na fisiopatologia a medida que se aplicam da prevenção e manejo de doenças.

a. Comparar diferenças nas funções biológicas, desenvolvimento e resposta farmacológica em homens e mulheres.

b. Discutir a fisiopatologia, etiologia, diagnóstico diferencial e opções de tratamento para condições mais comuns, mais graves ou tem intervenções diferentes em mulheres e homens

c. Discutir a fisiopatologia, etiologia, diagnóstico diferencial e opções de tratamento para condições específicas para as mulheres.

2. Comunicar-se efetivamente com os pacientes, demonstrando a consciência de gênero e diferenças culturais.

3. Fazer um exame físico específico para sexo e gênero.

4. Discutir o impacto dos papéis e contextos sociais e culturais baseados em gênero sobre os cuidados de saúde de mulheres e homens

Treinamento em gênero e saúde para membros da MWIA (Associação Internacional de Mulheres Médicas)

O mandato geral da Associação Internacional de Mulheres Médicas (MWIA) é a "saúde dos nossos pacientes" através do trabalho clínico e acadêmico, defesa, captação de recursos e o apoio às mulheres médicas. A MWIA está interessada na integração de gênero porque a compreensão das questões de gênero tem um efeito positivo na saúde. A ABMM é membro da MWIA desde 1961

A MWIA desenvolveu um manual de treinamento para incorporação de gênero na saúde em 2001.1 O manual introduz conceitos e fornece estudos de caso que ilustram a aplicação desses conceitos. Este manual foi traduzido integralmente para o português, pela Dra Anna Maria Martits em 2011 estando no site da ABMM www.abmmnacional.com

3 Conceito de Sexo e Gênero

Sexo refere-se a um conjunto de atributos biológicos em seres humanos e animais. Está principalmente associado a características físicas e fisiológicas como cromossomas, expressão gênica, hormônios, órgãos sexuais e reprodutivos. Sexo é categorizado como feminino e masculino. (Mulher XX e Homem XY)

Gênero refere-se aos papéis comportamentais, expressões e identidades socialmente construídos e o impacto que esses papéis têm sobre a saúde e a doença.

4 Porque medicina de gênero é importante

Documento da WHO – World Health Organization - 2016

Situação atual na Itália: dados da Dra Antonella Vezzani, Vice Presidente da MWIA para Região Sul da Europa em 13/01/2018: " Plano recente foi estabelecido pelo Ministério da Saúde da Itália para a disseminação da medicina de gênero, através da disseminação, treinamento e indicação de práticas de saúde que levam em consideração diferenças que surgem provenientes de diferenças de gênero em pesquisa prevenção e diagnóstico e tratamento. Portanto medicina de gênero será incluída nos planos dos estudos das Faculdades de Medicina em todo território da Itália.

Nos últimos anos, o interesse em medicina de gênero está crescendo e estudos científicos orientados para o gênero estão aumentando. O esforço para integrar gênero em medicina deve ser realizado em todos os setores.

Opinião de Marek Glezerman, Past President da ISOGEM (Sociedade Internacional de Medicina de Gênero) Número crescente de faculdades de medicina integraram o estudo da Medicina Gênero e Sexo Especifica (GSSM) nos seus currículos. Vai lidar com assuntos de gênero interdisciplinares.

5 Integração de temas de sexo e gênero em currículos médicos

Lições da comunidade internacional

Este texto se origina do artigo sobre Sexo e Gênero na Educação Médica originado das atas da Conferencia de Cúpula em Educação em Sexo e Gênero de 2015 (Mayo Clinic- USA)

Na era da medicina individualizada, o treinamento de futuros médicos, nos princípios das diferenças baseadas no sexo e no gênero em saúde e doença é crítico para otimizar o atendimento ao paciente. Os sucessos internacionais para incorporar esses conceitos em currículos médicos podem fornecer um modelo para que outros possam seguir.

Antecedentes

Os avanços biomédicos no genoma humano trouxeram cuidados médicos personalizados ou individualizados à frente. A definição de saúde das mulheres para além da mama e a reprodução impulsionaram a necessidade de uma caracterização mais abrangente da fisiologia única das mulheres. Desenvolveu-se a ciência do medicamento específico para o gênero. Esta disciplina agora engloba uma visão maior comparando ambos os sexos, não apenas em humanos, mas em todos os níveis de pesquisa biomédica. Incorporar e traduzir novas descobertas na pesquisa de sexo e gênero em programas para treinar a próxima geração de médicos é um desafio, mas oferece oportunidades para melhorar e modernizar as abordagens educacionais, o que acabará resultando em melhor atendimento ao paciente.

Em outubro de 2015, uma Conferência de Cúpula foi realizada na Mayo Clinic em Rochester, USA , em que um grupo de cientistas e educadores internacionais de universidades proeminentes participou de um painel para discutir suas experiências no desenvolvimento e implementação desses programas de treinamento.

Um tema comum emergente do painel de discussão que desafia o progresso de trazer conceitos de sexo e gênero para o currículo médico foram os preconceitos preconcebidos e inconscientes em torno dos termos de medicina baseada no sexo e no gênero. Esses mal-entendidos e preconceitos limitam a compreensão dos benefícios e a aplicação dos conceitos ao cuidado geral do paciente. Portanto, um requisito essencial para o desenvolvimento de plataformas educacionais é uma clara articulação do que significa sexo e gênero. O "sexo" é uma variável biológica referente às diferenças definidas pelos cromossomos sexuais (XX, XY) e à presença de órgãos reprodutivos funcionais, enquanto que o "gênero" é uma construção cultural referente a comportamentos que se pensam serem especificados pelas expectativas psicossociais que se acumulam com base de sexo percebido ou atribuído.

. Abaixo está um resumo de processos e sucessos cada país participante da Cúpula para que outros possam facilitar mudança e implementar programas similares em suas universidades.

Alemanha

Em Berlim , o Institute of Gender in Medicine (GiM), Hospital Universitário Charite, realizou uma abordagem sistemática para incorporar a medicina do sexo e do gênero na educação médica e interprofissional. Sua abordagem integrativa consistiu principalmente em três componentes.

O componente mais antigo e mais básico foi o desenvolvimento de uma base de dados de acesso aberto de medicina de gênero. O banco de dados do GenderMed (<http://gendermeddb.charite.de>).

O componente mais recente e mais importante da abordagem sistemática foi a integração dos aspectos de sexo e gênero no novo currículo médico modular da escola de medicina, um processo iniciado em 2010. O objetivo geral foi a incorporação dos aspectos do sexo e das diferenças de gênero no desenvolvimento, diagnóstico e terapia da doença no novo currículo médico modular para o ensino de estudantes de medicina.

O objetivo geral deste curso eLearning é aumentar o conhecimento do participante sobre diferenças de sexo e aspectos de gênero em medicina e pesquisa. Ele oferece uma plataforma para a discussão de grandes lacunas em medicina de gênero e pesquisas relacionadas ao sexo, apoiando assim o crescimento da comunidade de medicina de gênero.

Essa abordagem sistemática e integradora com esses três principais componentes levou à incorporação bem-sucedida de medicina de sexo e gênero na educação médica tanto local como mundial através das soluções eLearning.

Suécia

O Centro de Medicina do Gênero (CfGM) no Karolinska Institutet (KI) foi o primeiro na Europa a estabelecer o curso educacional baseado na web Saúde e Doença de uma Perspectiva de Gênero.

Canadá

No cenário acadêmico, há uma consciência crescente da importância de considerar sexo e gênero.

Estados Unidos da América

Nos EUA, o Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Texas Tech (TTUHSC) começou com uma avaliação de necessidades liderada por um grupo colaborativo de agentes de mudança que incorpora várias partes interessadas, incluindo reitores, docentes de faculdades de medicina, pré-clínicos, interprofissionais e o mais, estudantes de medicina. O resultado final foi um mapeamento completo do conteúdo de sexo e gênero no currículo básico de ciência médica por auditores.. O projeto de um ano ocorreu simultaneamente no primeiro e segundo anos, permitindo o mapeamento completo do currículo pré-clínico em um ano calendário. Rapidamente se tornou óbvio que havia necessidade de material didático para preencher essas lacunas.

Para resolver as restrições de tempo, vários materiais curriculares foram desenvolvidos, incluindo uma ferramenta de pesquisa PubMed Posteriormente, desenvolveu-se uma biblioteca de slides que abrigava slides de conferência revisados , que poderiam ser facilmente inseridos em uma palestra existente. Este material foi desenvolvido para atingir a educação médica de graduação. O envolvimento de estudantes e professores multidisciplinares, desde o início do processo também levou ao desenvolvimento de módulos interativos on-line premiados abrangendo temas como osteoporose, diabetes, doenças cardiovasculares e outros. Ao longo do tempo, o aumento da conscientização dos alunos sobre sexo e

gênero como uma variável biológica que influencia todos os aspectos da saúde e da doença levou ao interesse das faculdades em expandir seu próprio conhecimento, resultando no desenvolvimento do Programa de Educação Médica Continuada e Programa de Certificação em Saúde Sexo e Gênero Específica.

Essas principais realizações no TTUHSC podem ser atribuídas à abordagem do sexo e do gênero, Não como um problema de saúde da mulher, Mas uma questão Básica de cuidados com o Paciente.

Conclusão

Cada ambiente educacional tem desafios únicos a serem superados pela inovação do currículo médico. Entretanto, comum entre eles é o desafio de fornecer definições precisas de medicina e pesquisa baseada no sexo e gênero, a fim de superar o viés inconsciente, de modo que a evidência científica supera as forças políticas. **A ênfase no melhor atendimento ao paciente é fundamental para a conversa.** A iniciativa deve ser gerida por pessoas com visão e paixão para enfrentar os desafios. O envolvimento do estudante nos primeiros estágios do desenvolvimento dos currículos provou ser um recurso valioso na implementação de mudanças. Em apoio, a Organização Europeia de Estudantes de Medicina dedicou o ano de 2016 a se concentrar particularmente na medicina de gênero (<http://emsa-europe.eu/gender-medicine/>). Os recursos existentes agora podem ser adotados e adaptados a muitos ambientes de aprendizagem. Aqueles discutidos neste artigo, fornecem quadros e informações necessárias para construir conceitos curriculares que possam ser incorporados em paradigmas existentes.

Importante ressaltar os benefícios da medicina de gênero para homens, meninos e meninas. Alterar o nome da maioria das organizações que atualmente defendem e desenvolvem medicina específica de sexo e gênero para incluir "homens e mulheres" em vez de apenas "mulheres" em seu nome de grupo ajudam a dissipar essa noção. Assim, o consenso deste painel de especialistas em desenvolvimento de currículos focados em sexo e gênero é que a integração do sexo e do gênero na educação médica irá melhorar a educação dos futuros médicos, levando em última instância a uma melhor atenção médica de todos.